

O CONCEITO DE MITO EM WALTER BENJAMIN E FRIEDRICH NIETZSCHE

LEANDRO KIM PEREIRA DOS SANTOS¹; CLADEMIR LUÍS ARALDI²

¹Universidade Federal de Pelotas – leandrokim87@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – clademir.araldi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho tem como tema as definições do conceito de mito nas filosofias de Walter Benjamin e Friedrich Nietzsche. Dentro deste tema são investigados assuntos como a atualidade da filosofia de Benjamin; a influência de Nietzsche na Teoria Crítica; e as relações entre mito e política no capitalismo tardio.

Trata-se de um conceito de complexidade única tanto na filosofia quanto nas mais diversas áreas teórico-científicas. Seria possível objetar mais de mil significados da palavra “mito”, segundo Roland Barthes¹. Ademais, os dois autores ora estudados pertencem a correntes em muitos aspectos distintas – e antagônicas – do campo teórico-filosófico.

O objetivo do trabalho, portanto, é buscar delimitações do conceito geral de mito e, partir daí, do conceito de mito nas filosofias de Benjamin e Nietzsche. A partir desta investigação, será possível demonstrar que na filosofia de Nietzsche se encontram formas míticas contrárias à emancipação social e, portanto, com implicações negativas na ordem política. A importância e a atualidade da filosofia de Walter Benjamin permite realizar uma análise crítica dessas formas míticas, de forma a contribuir para a crítica do capitalismo.

A área do trabalho abrange a Filosofia Política, a Mitologia, a Filosofia da História, a História, a Filosofia da Linguagem e a Teoria do Conhecimento, com incursões necessárias nas demais áreas da Filosofia, nas Ciências Humanas e nas Ciências em geral.

Como fundamentação teórica, além das obras em geral de Walter Benjamin e Nietzsche, e especificamente as que abordam a questão do mito, as quais se encontram elencadas na Metodologia, o trabalho se utiliza das obras *Mito*, de Furio Jesi, e *Linguagem e mito*, de Ernst Cassirer. Sobre a influência de Nietzsche na Teoria Crítica, utilizamos, além de obras de Adorno e Horkheimer, as obras de Martin Jay e Susan Buck-Morss elencadas na Metodologia, entre outras. Alguns dos principais estudiosos e comentadores das obras de Benjamin e Nietzsche estão elencados no final da Metodologia.

2. METODOLOGIA

Este trabalho é realizado por meio de pesquisa bibliográfica, leitura, análise e comparação de textos filosóficos e de outros autores e áreas de interesse. O desenvolvimento da pesquisa tem como base a Filosofia da História, a Filosofia da Linguagem, a Teoria do Conhecimento e a Estética de Walter Benjamin; a crítica da modernidade e dos valores humanos promovida por Friedrich Nietzsche, por meio do seu método genealógico e perspectivista; e a crítica da economia política e da ideologia de Karl Marx e da Teoria Crítica, por meio do método dialético de pesquisa e exposição, da interdisciplinaridade materialista

1 Cf. BARTHES, R. **Mitologias**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003, p. 253.

fundamentada na História e na Teoria Social, e da Filosofia da História com finalidade prática.

As pesquisas e resultados foram obtidos por leitura e análise das obras de Walter Benjamin: “Destino e caráter”, “Para a crítica da violência”, o ensaio sobre *As afinidades eletivas*, de Goethe, *Origem do drama trágico alemão*, *Rua de mão única*, *Passagens* e *Baudelaire e a modernidade*; Nietzsche: *Nascimento da tragédia*; Adorno e Horkheimer: *Dialética do esclarecimento*; Ernani Chaves: *No limiar do moderno: estudos sobre Friedrich Nietzsche e Walter Benjamin*; Jeanne Marie Gagnebin: *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*; Ernst Cassirer: *Linguagem e mito*; Martin Jay: *A imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, 1923-1950*; Susan Buck-Morss: *The origin of negative dialectics: Theodor Adorno, Walter Benjamin, and the Frankfurt institute*; e textos e obras dos já mencionados Ernani Chaves e Jeanne Marie Gagnebin, e de Marx e Engels, Sigmund Freud, Giorgio Agamben, Christoph Türcke, Michael Löwy, Márcio Seligmann-Silva, Katia Muricy e Oswaldo Giacoia Junior.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em uma de suas definições clássicas (encontrada, por exemplo, na *Poética* de Aristóteles), mito significa “narrativa”. Por sua vez, Furio Jesi destaca a já mencionada dificuldade de definir com exatidão a palavra mito. Ela de fato pertence à nossa linguagem; é um objeto de estudo que se pode circunscrever *a priori*, ou em termos hegelianos, um objeto imediatamente dado pela representação. No entanto, admitida a hipótese de sua existência, o mito é algo que o ser humano dos dias de hoje não pode pressupor como imediatamente dado pela representação. Para nós, o que cumpre este papel é a mitologia, ou ciência da mitologia, ciência apropriada ao material mitológico. Ainda segundo Jesi, esta distância histórica entre a essência do mito e o seu material que chega até os dias de hoje pode levar à hipótese de que a palavra mito signifique algo que se refere somente a uma essência que em algum tempo foi acessível, e agora já não é. A ciência da mitologia, portanto, seria a paradoxal ciência daquilo que por definição não é.

Do ponto de vista histórico, é possível atribuir três significados à palavra mito: uma forma atenuada ou inferior de intelectualidade; uma forma autônoma de pensamento ou de vida; e um instrumento de estudo social. Nesse sentido, a grande disputa tanto cultural quanto científico-filosófica gira em torno da questão da contraposição entre razão e mito, isto é, se o mito é algo contrário à razão, ou se a forma de racionalidade instrumental típica de nossa civilização ignora – ou acoberta – o fato de que razão e mito podem ser complementares.

Podemos colocar Walter Benjamin entre os maiores nomes envolvidos neste problema. Segundo Adorno, a “reconciliação do mito” é o tema da filosofia de Benjamin. Em sua juventude, desta vez segundo Gershom Scholem, Benjamin afirmava que “o verdadeiro conteúdo do mito seria [...] a portentosa revolução que, na polêmica contra o fantástico, teria posto fim à sua era.” E ainda, o começo da leitura e da escrita, que se deu com a origem da configuração e da leitura das constelações, coincide com a formação de uma era mítica (BENJAMIN, 2018, p. 185). É possível então traçar uma linha que se estende do início ao fim da obra benjaminiana. Nos escritos de juventude e na trajetória que culminará na *Origem do drama trágico alemão*, Benjamin compreende o mito como uma concepção de história natural na qual os esforços institucionais e espirituais da civilização e seus

indivíduos culminam no exercício sempre renovado do poder na forma da violência e da tirania. É a história de uma civilização e suas formas sociais regidas pelo destino e, portanto, submetidas de forma permanente às forças do sacrifício e da catástrofe. É possível afirmar que o núcleo desta compreensão de mito e história se mantém quando, em 1924, Benjamin passa a operar com a filosofia marxiana. Acrescenta-se a este núcleo a percepção de que o capitalismo é o redespertar das forças míticas represadas pela falha monumental do Esclarecimento ao tentar opor a razão ao mito. A contradição entre aparência e realidade objetiva em nossa civilização é um fenômeno analisado por diversas tradições filosóficas. Sua explicação para Benjamin reside principalmente na tensão existente entre o novo e o sempre-igual – e esta tensão é para ele a forma fundamental do pensamento mítico. Na sua crítica do capitalismo, Benjamin acrescenta às configurações daquele fenômeno e daquela tensão o processo histórico do fetichismo da mercadoria. No capitalismo, o fetichismo da mercadoria alimenta e é alimentado pela tensão entre o novo e o sempre-igual. A temporalidade infernal e as fantasmagorias típicas da modernidade são a vivência de uma sociedade onde razão e mito são inconciliáveis.

A superação desta sociedade, no entanto, passa pela conciliação entre ambos. Rolf-Peter Janz, cujo trabalho é aqui analisado por Márcio Seligmann-Silva, “destaca a necessidade por parte de Benjamin de fazer uma crítica do mito tendo em vista o significado regressivo que tal ‘volta do mito’ assumiu na sua época. Por outro lado, ele insiste na não condenação por parte de Benjamin do mito como um elemento de acesso à verdade[...]. ‘Mitos e religiões possuem um teor de verdade que não se pode simplesmente negar ou ignorar, ao qual a *Aufklärung* não pode abdicar. [...] Ou seja, em Benjamin não ocorre uma oposição mutuamente excludente entre mito e logos. [...] ‘A relação de Benjamin com o mito leva em conta os seus dois momentos. Ela visa a uma destruição do mito como uma crítica de um mundo que aterroriza o homem, porque lhe é mais poderoso e inconfundível. Ela visa, por outro lado, diferentemente de uma crítica racionalista que exerce uma desmitologização como eliminação dos fenômenos inacessíveis a ela, à salvação de teores de verdade que estão presentes no mito” (SELIGMANN-SILVA, 2020, p. 157-158).

Nietzsche oferece sua definição de mito em *O nascimento da tragédia*. Assim, o mito é “a imagem concentrada do mundo”. Para nossa cultura, decomposta pelo “espírito histórico-crítico”, a existência do mito se torna crível “somente por via douda, através de abstrações mediadoras. Sem o mito, porém, toda cultura perde sua força natural sadia e criadora: só um horizonte cercado de mitos encerra em unidade todo um movimento cultural. Todas as forças da fantasia e do sonho apolítico são salvas de seu vaguear ao léu somente pelo mito. As imagens do mito têm que ser os onipresentes e despercebidos guardiões demoníacos, sob cuja custódia cresce a alma jovem e com cujos signos o homem dá a si mesmo uma interpretação de sua vida e de suas lutas: e nem sequer o Estado conhece uma lei não escrita mais poderosa do que o fundamento mítico, que lhe garante a conexão com a religião, o seu crescer a partir de representações míticas” (NIETZSCHE, 2007, p. 132-133).

É bastante conhecida a crítica de Benjamin, em *Origem do drama trágico alemão*, a *O nascimento da tragédia*. Benjamin critica a valorização que Nietzsche faz do mito, afirma de forma categórica que sua concepção de mito é “uma construção puramente estética”. Também denuncia nesta obra “a falta de sentido histórico” e o naufrágio no “abismo do esteticismo”, faltando, portanto, uma “reflexão sóbria”. Para Benjamin, o esteticismo, ou a “justificação estética do

mundo”, é o oposto de historicidade, o que também significa “um modo de expressão mítica”. Anos mais tarde, porém, Benjamin atenuará estas críticas. No ensaio sobre Bachofen, defende a orientação histórico-filológica deste e de Nietzsche contra as correntes positivistas da filologia, que contava entre seus representantes com Willamowitz, crítico implacável de *O nascimento da tragédia*; e no ensaio sobre a reprodutibilidade técnica, incorpora a figura do “ouvinte estético” e o conceito de *katharsis*. A justificativa para as críticas anteriores promovidas por Benjamin, no entanto, é esclarecida por Ernani Chaves: “Tratava-se de combater, claramente, a apropriação conservadora e reacionária de Nietzsche, facilitada, aos olhos de Benjamin, pelo destaque, no *Nascimento da tragédia*, ao mítico em detrimento do histórico.” Era o combate contra “o processo de estetização de todos os níveis da vida, em curso na República de Weimar, o que abrirá caminho [...] à estetização da política no fascismo” (CHAVES, 2003, p. 193).

4. CONCLUSÕES

Conflitos políticos, ascensão da extrema-direita, fundamentalismo religioso, obscurantismo, negação da ciência, estetização do mundo e ausência de sentido histórico - problemas centrais, e extremos, dos dias de hoje, que em grande parte consistem em reflexos ou desenvolvimentos dos problemas enfrentados na época de Walter Benjamin. Reflexos de uma civilização na qual razão e mito permanecem inconciliados. A atualidade do pensamento de Benjamin, ainda não reconhecida em diversas áreas do conhecimento; o não acolhimento, por considerável parte da tradição filosófica, da influência de Nietzsche na Teoria Crítica; a possibilidade de análise crítica, por meio da filosofia de Benjamin, dos elementos míticos contrários à emancipação social presentes na filosofia de Nietzsche; e a inestimável contribuição de ambos para os campos da Filosofia da História, da Estética, da Metafísica (e sua crítica) e da crítica da modernidade, entre outros, são algumas entre tantas razões para que ambos os autores sejam estudados em conjunto. As formas míticas presentes de forma implícita no capitalismo tardio – sobretudo a crença no progresso e o fetichismo da mercadoria – também justificam de forma incontornável tais estudos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.
- BENJAMIN, W. **Origem do drama trágico alemão**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- BENJAMIN, W. **O anjo da história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- BENJAMIN, W. **Linguagem, tradução, literatura (filosofia, teoria e crítica)**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- CHAVES, E. **No limiar do moderno: estudos sobre Friedrich Nietzsche e Walter Benjamin**. Belém: Paka-Tatu, 2003.
- JESI, F. **Mito**. Barcelona, Espanha: Editorial Labor S.A., 1976.
- NIETZSCHE, F. W. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- SELIGMANN-SILVA, M. **Ler o livro do mundo: Walter Benjamin romantismo e crítica poética**. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda., 2020.